

## Muito além da repetição:

*o replay como recurso técnico-narrativo nas transmissões esportivas digitais da Cazé TV durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024*

Maria Luiza Andreotti Nabarrete<sup>1</sup>  
Bruno César dos Santos<sup>2</sup>

### Resumo

O esporte contemporâneo consolidou-se como fenômeno profundamente mediado por dispositivos comunicacionais que reorganizam a experiência pública do acontecimento competitivo. Nesse contexto, as transmissões esportivas digitais ampliaram possibilidades narrativas, audiovisuais e discursivas anteriormente associadas ao *broadcasting* televisivo tradicional, incorporando novas linguagens, dinâmicas de mediação e formas de interação com as audiências. Entre os recursos técnicos historicamente presentes nesse ecossistema, o replay ocupa posição de destaque, embora frequentemente seja reduzido à função instrumental de mera repetição imagética. Este artigo analisa de que maneira o replay opera como recurso técnico-narrativo nas transmissões esportivas digitais da CazéTV durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024. Trata-se de pesquisa qualitativa, de natureza analítico-interpretativa, fundamentada na análise audiovisual e narrativa de transmissões esportivas da plataforma, contemplando futebol, judô, skate e vôlei. O referencial teórico mobiliza autores dos estudos da comunicação, mídia esportiva, linguagem audiovisual e teoria da mediação. Os resultados indicam que o replay ultrapassa a condição de reapresentação mecânica de imagens, assumindo funções como dramatização narrativa, pedagogização técnica, validação documental, valorização estética da performance e amplificação emocional da experiência esportiva. Conclui-se que, no contexto das transmissões digitais contemporâneas, a repetição imagética constitui dispositivo técnico de reorganização interpretativa do acontecimento esportivo, contribuindo ativamente para a construção narrativa do espetáculo esportivo mediado.

**Palavras-chave:** Replay; Transmissão esportiva; CazéTV; Mídia esportiva; Jogos Olímpicos.

### 1. Introdução

O esporte contemporâneo ultrapassou a condição de prática competitiva restrita aos espaços físicos de disputa para consolidar-se como fenômeno cultural, econômico e midiático de

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Rádio, Televisão e Internet (RTVI) da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e participante do programa de Iniciação Científica da FAPCOM. E-mail: [241056@sou.fapcom.edu.br](mailto:241056@sou.fapcom.edu.br);

<sup>2</sup> Professor dos cursos Bacharelados, Licenciatura e Tecnólogos da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e docente dos grupos de pesquisa “Infotainment, kitsch e endereçamento: diálogo informal, humor velado e hibridismo genérico em programas telejornalísticos e talkshows brasileiros” e “Histórias do Rádio e da TV: Em prol da construção do museu da fala do radialismo paulista” E-mail: [bruno.santos@fapcom.edu.br](mailto:bruno.santos@fapcom.edu.br);

circulação global. Embora a competição esportiva ocorra materialmente em arenas, estádios, ginásios ou pistas, sua experiência pública é, em grande medida, mediada por tecnologias de transmissão que reorganizam a percepção do acontecimento, estruturam narrativas, selecionam enquadramentos e atribuem sentidos àquilo que é observado à distância. Nesse cenário, assistir ao esporte significa menos acessar o acontecimento bruto e mais consumir uma experiência tecnicamente construída dele.

A consolidação histórica da televisão como principal mediadora da experiência esportiva redefiniu profundamente a relação entre público e competição. Entretanto, as transformações tecnológicas das últimas décadas, especialmente associadas à digitalização dos meios, à convergência midiática e à expansão das plataformas de streaming, introduziram novas formas de mediação esportiva, tensionando modelos tradicionais de broadcasting e reorganizando linguagens comunicacionais anteriormente estabilizadas.

No Brasil, a emergência da CazéTV como agente relevante no ecossistema esportivo digital representa marco significativo nesse processo. Ao articular linguagem própria das plataformas digitais, informalidade discursiva, forte performatividade emocional e estratégias narrativas híbridas, a emissora reconfigura convenções históricas da transmissão esportiva televisiva, aproximando-se de formatos comunicacionais mais conversacionais e participativos.

Nesse ambiente, recursos técnicos historicamente naturalizados passam a demandar novas leituras analíticas. Entre eles, destaca-se o replay, frequentemente compreendido de forma simplificada como mera reapresentação imagética de acontecimentos previamente exibidos. Embora tal definição capture parcialmente sua dimensão funcional, revela-se insuficiente diante da complexidade narrativa, interpretativa e perceptiva que o recurso assume nas transmissões esportivas contemporâneas.

A repetição imagética não apenas permite rever acontecimentos. Ela reorganiza temporalidades, redefine relevâncias, orienta interpretações e potencializa experiências emocionais. Em determinados contextos, o replay dramatiza acontecimentos; em outros, explica tecnicamente movimentos complexos, valida decisões competitivas ou valoriza esteticamente performances atléticas.

Essa multiplicidade funcional torna-se particularmente evidente nas transmissões esportivas digitais contemporâneas, em que a articulação entre replay, narração, comentário especializado, dados estatísticos, enquadramentos e performance sonora produz experiências comunicacionais densamente mediadas. Diante desse cenário, este estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: de que maneira o replay opera como recurso técnico-narrativo nas transmissões esportivas digitais da CazéTV durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024?

Parte-se da hipótese de que, no contexto das transmissões esportivas digitais contemporâneas, o replay ultrapassa sua função tradicional de rerepresentação visual e passa a atuar como dispositivo técnico-narrativo multifuncional, mobilizado para dramatizar acontecimentos, produzir inteligibilidade técnica, validar interpretações documentais e intensificar a experiência emocional do espectador.

Metodologicamente, a investigação insere-se em abordagem qualitativa, de natureza analítico-interpretativa, articulando análise audiovisual e narrativa de transmissões esportivas da CazéTV durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, contemplando quatro modalidades esportivas: futebol, judô, skate e vôlei. O percurso teórico mobiliza contribuições dos estudos da comunicação, mídia esportiva, linguagem audiovisual e teoria da mediação, articulando autores nacionais e internacionais capazes de sustentar leitura crítica do replay enquanto dispositivo técnico de construção narrativa.

Mais do que examinar um recurso operacional da transmissão esportiva, este artigo propõe compreender como a repetição imagética participa da reorganização contemporânea do espetáculo esportivo digital, evidenciando que rever um acontecimento, na lógica das mídias esportivas atuais, significa frequentemente vê-lo sob nova temporalidade, nova narrativa e nova mediação interpretativa.

## **2. Esporte como espetáculo midiático e transmissão esportiva**

Compreender o replay como recurso técnico-narrativo exige, inicialmente, reconhecer que o esporte contemporâneo se consolidou como fenômeno inseparável das mediações comunicacionais. Embora a competição esportiva possua existência material autônoma nos

espaços físicos em que ocorre, sua dimensão pública ampliada depende dos sistemas de mediação responsáveis por torná-la visível, inteligível e socialmente compartilhável.

Rowe (2004) demonstra que o esporte moderno integra profundamente a lógica da cultura midiática global, operando simultaneamente como prática competitiva, espetáculo de entretenimento e mercadoria cultural. A relação entre mídia e esporte, nessa perspectiva, não deve ser interpretada como simples parceria funcional, mas como interdependência estrutural, na medida em que os sistemas midiáticos reorganizam não apenas a circulação dos eventos esportivos, mas também seus formatos, temporalidades e modos de consumo.

Tal argumento torna-se particularmente relevante quando se reconhece que a maior parte das audiências contemporâneas experiencia o esporte de forma mediada, e não presencial. O espectador raramente acompanha o acontecimento bruto em sua totalidade objetiva; acompanha, antes, uma construção audiovisual organizada por enquadramentos, comentários, repetições, efeitos sonoros e estratégias narrativas.

Boyle (2006) aprofunda essa discussão ao demonstrar que o jornalismo esportivo contemporâneo opera segundo lógica narrativa intensamente marcada por dramatização, expectativa, emoção e mercantilização do acontecimento competitivo. O esporte televisionado não é apenas observado; ele é narrativamente estruturado para maximizar envolvimento emocional e continuidade de consumo.

Wenner (1989) complementa essa leitura ao defender que esporte e mídia estabelecem relação de coprodução simbólica. O esporte oferece à mídia narrativa em tempo real, imprevisibilidade competitiva e forte capacidade de mobilização emocional; a mídia, por sua vez, reorganiza esse material segundo lógicas próprias de visibilidade, entretenimento e circulação cultural.

Billings (2008), ao examinar coberturas esportivas internacionais, argumenta que a experiência esportiva mediada não corresponde ao simples acesso ao acontecimento competitivo, mas à recepção de narrativas previamente organizadas por enquadramentos visuais, escolhas discursivas e hierarquias editoriais. O evento esportivo televisionado ou digitalmente transmitido não se apresenta ao espectador como realidade neutra; ele emerge como acontecimento interpretado.

Essa leitura encontra ressonância significativa no contexto brasileiro, em que a mídia esportiva historicamente exerceu papel central na produção de imaginários coletivos associados ao esporte. Helal (2011) demonstra que a narrativa esportiva brasileira ultrapassa a mera descrição factual dos eventos, mobilizando discursos de heroísmo, pertencimento, identidade nacional e superação individual ou coletiva.

Gastaldo (2006), ao discutir mídia e recepção esportiva, reforça essa compreensão ao demonstrar que a experiência esportiva mediada envolve construção coletiva de sentidos, afetos e interpretações compartilhadas. O esporte televisionado não apenas informa; ele organiza experiências emocionais, cognitivas e simbólicas de pertencimento social.

Essas contribuições permitem reconhecer que a transmissão esportiva contemporânea não pode ser analisada exclusivamente como dispositivo técnico de distribuição de imagens. Trata-se de ecossistema comunicacional complexo, no qual linguagem audiovisual, mediação discursiva, performance narrativa e escolhas editoriais participam ativamente da constituição pública do espetáculo esportivo.

### **3. Narrativa esportiva, emoção e performance sonora**

Se o esporte contemporâneo constitui espetáculo midiático, torna-se necessário compreender que sua potência comunicacional não deriva exclusivamente da competição em si, mas da forma como o acontecimento é narrativamente organizado para as audiências. A transmissão esportiva não apenas mostra eventos; ela constrói expectativas, distribui tensões dramáticas, organiza temporalidades e produz experiências emocionais mediadas.

Fiske (1987), ao discutir a televisão como sistema textual, argumenta que os meios audiovisuais devem ser compreendidos como ambientes de produção de significados, nos quais imagem, som, ritmo, montagem e performance discursiva articulam múltiplas camadas interpretativas. Aplicado ao esporte, esse argumento revela que a experiência esportiva mediada não corresponde ao acesso direto ao acontecimento competitivo, mas à recepção de narrativa tecnicamente estruturada.

Machado (2009) reforça essa leitura ao demonstrar que a televisão não opera como tecnologia neutra de reprodução do real, mas como linguagem específica, organizada por escolhas técnicas e editoriais que estruturam a percepção do espectador. A transmissão esportiva, nessa perspectiva, não apenas registra a competição; ela a interpreta narrativamente. Essa mediação torna-se particularmente evidente na figura do narrador esportivo. Historicamente, a narração ocupa posição estratégica na construção emocional da experiência esportiva mediada, funcionando simultaneamente como dispositivo informativo, operador dramático e mediador afetivo da recepção pública.

Helal (2011) observa que a narrativa esportiva frequentemente mobiliza estruturas discursivas próximas às narrativas heroicas, enfatizando superação, drama competitivo, pertencimento coletivo e trajetórias individuais de consagração ou fracasso. O narrador, nesse contexto, não apenas descreve acontecimentos; atribui intensidade simbólica ao evento. Gastaldo (2006) complementa essa leitura ao evidenciar que a recepção esportiva televisionada envolve processos de identificação emocional fortemente mediados pela linguagem comunicacional. A emoção esportiva não decorre exclusivamente da performance atlética; ela é amplificada e organizada pela própria estrutura narrativa da transmissão.

Chion (2011), ao discutir a relação entre som e imagem, oferece instrumental particularmente relevante para compreender essa dinâmica. Para o autor, a experiência audiovisual não pode ser reduzida à simples coexistência entre imagem e som, pois o componente sonoro reorganiza a própria leitura visual do acontecimento. No contexto esportivo, esse argumento mostra-se especialmente produtivo. A mesma imagem pode adquirir significados distintos conforme a narração que a acompanha, a intensidade vocal empregada, o silêncio dramático ou a intervenção explicativa dos comentaristas.

Nas transmissões da CazéTV, esse aspecto torna-se particularmente evidente. Diferentemente da tradição mais formalizada da televisão esportiva convencional, a linguagem sonora do canal frequentemente incorpora espontaneidade, informalidade, humor, improvisação e forte compartilhamento emocional com a audiência. Essa reorganização discursiva não implica ausência de estrutura narrativa; ao contrário, revela nova gramática comunicacional. O narrador

deixa de ocupar apenas posição institucionalizada de locutor autorizado e passa a operar como mediador afetivo mais próximo da audiência digital.

Durante as transmissões olímpicas de Paris 2024, observou-se que momentos decisivos frequentemente eram acompanhados por explosões emocionais, comentários espontâneos, registros coloquiais e forte performatividade vocal. O efeito produzido é significativo: o espectador não apenas acompanha a competição; sente-se inserido em experiência comunicacional compartilhada.

Essa característica revela que a emoção esportiva contemporânea, especialmente em ambientes digitais, depende profundamente da arquitetura sonora da transmissão. O esporte não é apenas visto; é ouvido, narrado, intensificado e emocionalmente organizado. Esse reconhecimento torna-se central para a análise do replay, uma vez que a repetição imagética raramente opera de forma isolada. Sua potência narrativa depende justamente da articulação entre visualidade, temporalidade e performance sonora.

#### **4. Replay como recurso técnico-narrativo**

Entre os múltiplos recursos técnicos incorporados historicamente às transmissões esportivas, poucos se tornaram tão naturalizados quanto o replay. Sua presença recorrente no imaginário audiovisual esportivo frequentemente faz com que sua complexidade comunicacional seja subestimada, reduzindo-o à função aparentemente simples de rerepresentar acontecimentos previamente exibidos. Entretanto, compreender o replay exclusivamente como repetição imagética revela-se insuficiente diante de sua atuação nas transmissões esportivas contemporâneas.

Ellis (1992) oferece contribuição fundamental para essa discussão ao demonstrar que a televisão opera segundo lógica de fluxo contínuo, caracterizada por sucessão acelerada e fragmentária de acontecimentos. Nesse contexto, o replay adquire função singular: interromper a linearidade temporal da transmissão para transformar determinado instante em objeto privilegiado de observação.

Essa interrupção não constitui gesto meramente técnico; trata-se de reorganização narrativa da temporalidade esportiva. O acontecimento originalmente efêmero é retirado de sua linearidade

cronológica e reinscrito sob nova lógica perceptiva. Machado (2009) aprofunda essa reflexão ao demonstrar que a imagem audiovisual nunca corresponde a reprodução neutra do real. Toda imagem televisiva resulta de enquadramentos, cortes, escolhas técnicas e estruturas narrativas que orientam a recepção.

Aplicado ao replay, esse argumento revela ponto crucial: a repetição imagética não devolve o acontecimento em sua integridade original; devolve nova construção visual dele. O replay, portanto, não consiste em retorno neutro ao acontecimento original, mas em rerepresentação tecnicamente reorganizada. Essa distinção é conceitualmente central para a presente investigação.

Quando um lance esportivo é rerepresentado, raramente se observa mera repetição integral da sequência anteriormente exibida. Em geral, a repetição envolve seleção de fragmentos específicos, mudança de enquadramento, aproximação visual, desaceleração temporal ou reorganização retrospectiva do acontecimento.

Em uma partida de futebol, por exemplo, a repetição de um gol frequentemente não se restringe ao instante da finalização. A transmissão costuma reconstruir retrospectivamente a jogada: origem da posse, movimentação ofensiva, passe determinante, conclusão e repercussão emocional associada. O replay deixa de ser simples repetição e converte-se em reconstrução narrativa do acontecimento.

Manovich (2001), ao discutir a lógica das mídias digitais, oferece contribuição particularmente relevante para compreender essa reorganização temporal. Segundo o autor, os ambientes digitais ampliam a capacidade de fragmentação, manipulação e recomposição do material audiovisual, alterando profundamente as formas de relação entre tempo, repetição e visualidade. Aplicado ao contexto esportivo contemporâneo, esse argumento permite compreender que o replay não representa apenas recurso herdado da televisão tradicional, mas mecanismo plenamente compatível com ecossistemas digitais marcados por flexibilidade temporal, recomposição narrativa e reorganização dinâmica da experiência visual.

Nas transmissões da CazéTV durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, observou-se que a repetição imagética frequentemente operava segundo essa lógica expandida. O replay não surgia apenas como instrumento técnico para mostrar novamente, mas como mecanismo de reorganização interpretativa do acontecimento competitivo. Virilio (1994), ao refletir sobre

tecnologias da visão e reorganização perceptiva contemporânea, aprofunda ainda mais essa discussão. Para o autor, os dispositivos técnicos de visualidade não apenas ampliam a capacidade humana de observar acontecimentos, mas transformam estruturalmente a própria natureza da percepção.

No contexto esportivo, esse argumento mostra-se especialmente potente. Modalidades marcadas por velocidade extrema frequentemente desafiam a capacidade humana de apreensão integral em tempo real. O replay, particularmente associado à câmera lenta, reorganiza a experiência perceptiva ao adequar a temporalidade do acontecimento à capacidade interpretativa do espectador.

Essa função torna-se particularmente evidente em esportes como judô, skate e vôlei, nos quais movimentos decisivos frequentemente ocorrem em frações de segundo. A repetição imagética desacelerada não apenas permite rever o acontecimento; permite vê-lo segundo temporalidade perceptivamente reorganizada. O replay, portanto, não apenas devolve o acontecimento ao espectador; devolve-o em outra condição perceptiva.

Nas transmissões esportivas digitais contemporâneas, especialmente em ecossistemas comunicacionais como o da CazéTV, essa reorganização temporal frequentemente se articula à performance narrativa, à explicação técnica e à dramatização emocional, ampliando ainda mais sua potência comunicacional.

## **5. Recursos audiovisuais da transmissão esportiva: enquadramento, montagem e construção da experiência**

A potência narrativa do replay não pode ser compreendida isoladamente. Sua eficácia comunicacional depende da articulação com outros elementos constitutivos da linguagem audiovisual esportiva, como enquadramento, alternância de planos, cortes, sincronização sonora, desaceleração e performance vocal. Aumont (2012) demonstra que a imagem audiovisual deve ser compreendida como construção perceptiva organizada segundo escolhas técnicas e narrativas específicas. Enquadrar significa selecionar; selecionar implica excluir; e excluir significa estruturar determinada forma de olhar.

No contexto esportivo, esse argumento torna-se particularmente relevante, pois o espectador raramente escolhe autonomamente aquilo que observa. Seu campo perceptivo depende diretamente das decisões operadas pela transmissão. Em uma competição presencial, o público pode direcionar sua atenção livremente entre múltiplos elementos do ambiente competitivo. Já na experiência mediada, essa autonomia perceptiva é significativamente reduzida. O espectador acompanha o acontecimento segundo a lógica visual definida pela direção audiovisual.

No futebol, por exemplo, a escolha entre plano aberto e close altera radicalmente a experiência interpretativa. O plano aberto privilegia leitura tática e organização espacial; o close enfatiza expressividade emocional, reações corporais e intensidade dramática. Esse mecanismo mostra-se amplamente presente nas transmissões da CazéTV, especialmente em momentos decisivos, quando a linguagem audiovisual frequentemente abandona momentaneamente a lógica puramente informativa para privilegiar reações emocionais, expressões faciais, celebrações ou tensões coletivas.

Machado (2009) contribui para essa discussão ao demonstrar que a linguagem televisiva organiza a percepção segundo gramática própria, articulando enquadramento, ritmo, montagem e temporalidade narrativa. A transmissão esportiva, nessa perspectiva, não documenta simplesmente a competição; constrói experiência interpretativa dela. A montagem desempenha papel particularmente relevante nesse processo. O corte audiovisual não representa mera transição técnica entre imagens; ele define prioridades perceptivas e reorganiza narrativamente o acontecimento.

Após uma jogada decisiva, por exemplo, a transmissão pode escolher mostrar a reação do atleta, a frustração do adversário, a resposta da torcida ou a leitura técnica do comentarista. Cada escolha reorganiza a interpretação pública do momento competitivo. Chion (2011) reforça que som e imagem operam como sistema integrado de significação. A percepção audiovisual não corresponde à simples soma entre componentes visuais e sonoros; o som reorganiza a própria leitura da imagem.

Nas transmissões esportivas, essa articulação mostra-se particularmente intensa. A mesma reapresentação imagética pode adquirir significados distintos conforme a performance vocal do narrador, a explicação do comentarista ou a atmosfera sonora associada ao momento competitivo.

Na CazéTV, esse aspecto torna-se especialmente relevante em razão da forte performatividade comunicacional presente no canal. A narração incorpora elementos como informalidade, espontaneidade, humor e compartilhamento emocional, reorganizando significativamente a experiência de recepção do público. Diferentemente das transmissões esportivas convencionais, historicamente marcadas por uma linguagem mais técnica, rígida e distante do espectador, a CazéTV desenvolve uma narrativa baseada na identificação e na proximidade com a audiência. Tal característica está diretamente relacionada à lógica das mídias digitais e à cultura participativa do YouTube, plataforma que privilegia interação, comentários em tempo real, compartilhamentos e formação de comunidades em torno do conteúdo produzido. Nesse sentido, o esporte transmitido deixa de ser apenas um acontecimento visualmente acessível e passa a constituir uma experiência organizada para gerar envolvimento emocional, compreensão narrativa e maior participação do público.

Outro fator relevante para compreender essa diferenciação está na influência do formato de “react”, inicialmente consolidado por Casimiro em suas transmissões pessoais na Twitch e no YouTube. Antes da criação da CazéTV, o comunicador já havia conquistado ampla audiência ao comentar jogos, vídeos e programas de entretenimento de forma espontânea e fortemente marcada pela expressividade emocional. Esse modelo rompe parcialmente com padrões tradicionais do jornalismo esportivo ao aproximar a transmissão de uma lógica conversacional e mais próxima do cotidiano do público. Dessa forma, a audiência não acompanhava apenas o conteúdo original, mas também as reações e interpretações produzidas pelo comunicador diante dos acontecimentos esportivos e midiáticos.

Com a criação da CazéTV, esse formato deixa de se restringir a uma prática individual e passa a estruturar um modelo de transmissão esportiva digital. Narradores, comentaristas e convidados estabelecem interação constante com a audiência, incorporando características próprias da comunicação em ambientes digitais, como maior dinamismo narrativo, linguagem acessível e participação ativa do público por meio das plataformas de transmissão ao vivo. Em consequência disso, a lógica tradicional da narração esportiva — baseada em maior formalidade e distanciamento entre emissor e receptor — é substituída por uma dinâmica comunicacional mais participativa e interativa.

Essa configuração fortalece a relação entre a CazéTV e seu público ao deslocar a transmissão esportiva de uma função exclusivamente informativa para uma experiência marcada pelo envolvimento emocional e pela participação coletiva. A audiência passa a ocupar uma posição mais ativa dentro da narrativa construída pelo canal, estabelecendo vínculos por meio de comentários, reações e interações compartilhadas durante as transmissões. Nesse contexto, a CazéTV diferencia-se dos modelos tradicionais de jornalismo esportivo ao compreender que, na lógica das mídias digitais, o engajamento do público não depende apenas da exibição do evento esportivo, mas também da construção de uma experiência comunicacional mais próxima, dinâmica e participativa. Dessa forma, a emissora amplia o papel da transmissão esportiva ao atuar também na produção de memória, identificação cultural e sentimento de pertencimento no ambiente digital.

## **6. Mediação explicativa e autoridade discursiva**

A transmissão esportiva contemporânea não depende exclusivamente da articulação entre imagem e sonoridade. Sua inteligibilidade pública exige mediação discursiva capaz de contextualizar acontecimentos, interpretar movimentos, explicar regras e orientar cognitivamente a recepção do espectador.

Charaudeau (2013) argumenta que os meios de comunicação não apenas informam acontecimentos, mas constroem regimes específicos de enunciação que organizam credibilidade, autoridade interpretativa e recepção pública. No esporte, essa mediação torna-se particularmente necessária, especialmente em modalidades cujas dinâmicas técnicas não são imediatamente acessíveis ao público leigo.

Bourdieu (1997) contribui ao demonstrar que a autoridade discursiva não decorre exclusivamente da veracidade da fala, mas da legitimidade socialmente atribuída à posição ocupada pelo enunciador. No contexto esportivo, narradores, comentaristas, jornalistas e especialistas operam como intérpretes autorizados do acontecimento competitivo.

Narradores, comentaristas e especialistas, nesse contexto, não apenas acompanham a transmissão; participam ativamente da construção pública do acontecimento esportivo. Sua fala

organiza sentidos, distribui interpretações e, frequentemente, ensina o espectador a compreender aquilo que observa. Essa dinâmica torna-se particularmente evidente em modalidades tecnicamente complexas ou menos familiares ao grande público. Em esportes como judô, skate ou determinadas provas olímpicas, a imagem, isoladamente, nem sempre basta para garantir plena inteligibilidade do acontecimento competitivo.

Silverstone (2002), ao discutir a mediação comunicacional contemporânea, argumenta que a mídia não deve ser compreendida apenas como canal de circulação de conteúdos, mas como ambiente estruturante de produção de sentidos sociais. No esporte, essa perspectiva mostra-se especialmente produtiva. O espectador não experiencia diretamente a competição; experiencia uma construção discursiva e audiovisual dela.

Nas transmissões da CazéTV durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, observou-se que a mediação explicativa frequentemente combinava linguagem tecnicamente informativa e informalidade comunicacional, criando ambiente híbrido particularmente característico do ecossistema digital contemporâneo. Essa configuração diferencia-se do broadcasting esportivo tradicional, historicamente marcado por maior institucionalização discursiva. A autoridade narrativa não desaparece; ela se reorganiza.

Sodré (2002) contribui para compreender essa transformação ao demonstrar que a comunicação contemporânea reorganiza formas de sociabilidade, pertencimento e experiência afetiva. A autoridade comunicacional já não depende exclusivamente de formalidade institucional, podendo ser construída também a partir de identificação cultural, proximidade discursiva e reconhecimento simbólico. Na CazéTV, essa lógica revela-se particularmente evidente. A mediação discursiva frequentemente aproxima o espectador da experiência esportiva por meio de linguagem mais conversacional, emocionalmente compartilhada e menos rigidamente formalizada.

Esse aspecto torna-se especialmente importante quando articulado ao replay. A repetição imagética raramente opera como prova autossuficiente. Sua interpretação depende da mediação discursiva que a acompanha. No judô, por exemplo, a reapresentação desacelerada frequentemente exige explicação técnica para tornar inteligível a lógica do golpe e da pontuação. No futebol, lances controversos demandam leitura interpretativa sobre arbitragem, posicionamento ou dinâmica

tática. No vôlei, challenges e disputas de bola frequentemente mobilizam interpretação técnica complementar. O replay, portanto, não apenas mostra novamente; integra sistema ampliado de mediação cognitiva.

## **7. O olhar mediado: visibilidade, câmera e percepção**

A naturalização contemporânea das transmissões esportivas frequentemente produz a impressão de que a câmera oferece acesso direto e objetivo ao acontecimento competitivo. Entretanto, essa percepção revela-se conceitualmente limitada. O espectador não vê o evento esportivo em sua totalidade material; vê aquilo que a estrutura técnica da transmissão torna visível.

Ellis (1992) demonstra que a televisão organiza a percepção segundo regime específico de visualidade, profundamente distinto da observação presencial. O espectador televisivo não constrói autonomamente seu percurso perceptivo; acompanha fluxo previamente organizado por escolhas técnicas e editoriais.

No esporte, essa dinâmica torna-se especialmente evidente. Em uma competição presencial, o público pode direcionar livremente seu olhar, acompanhar deslocamentos paralelos, observar tensões periféricas e construir leitura própria do acontecimento. Na transmissão mediada, esse grau de autonomia perceptiva é significativamente reduzido. O olhar passa a depender da direção audiovisual.

Virilio (1994) aprofunda essa reflexão ao argumentar que as tecnologias contemporâneas de visualidade reorganizam estruturalmente a própria experiência da percepção humana. Recursos como zoom, câmera lenta, múltiplos ângulos, closes e replay não apenas tornam acontecimentos mais visíveis; produzem novas formas de visibilidade. No futebol, a escolha entre plano frontal, lateral ou aéreo pode reorganizar radicalmente a interpretação de um lance controverso. No judô, a desaceleração redefine inteligibilidade do movimento. No skate, closes específicos valorizam a estética corporal da performance.

Foucault (2014), ainda que em outro campo teórico, oferece contribuição conceitualmente produtiva ao demonstrar que visibilidade nunca constitui fenômeno neutro. Tornar algo visível implica seleção, organização e hierarquização. No contexto esportivo, esse princípio ajuda a

compreender que a transmissão não apenas mostra acontecimentos; define quais aspectos deles se tornam perceptivamente centrais.

O replay intensifica ainda mais essa lógica. A repetição imagética frequentemente carrega aparência de evidência visual incontestável, mas permanece dependente de escolhas técnicas e narrativas. O que retorna à tela não é o acontecimento em sua totalidade objetiva, mas uma versão tecnicamente selecionada dele. Essa constatação desloca o replay da condição de mero recurso funcional para a esfera da construção narrativa e perceptiva do acontecimento esportivo.

## **8. Metodologia**

O presente estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de natureza analítico-interpretativa, fundamentada nos pressupostos dos estudos da comunicação, da mídia esportiva e da linguagem audiovisual. A escolha por essa abordagem justifica-se pelo objetivo central da investigação, que não consiste em mensurar quantitativamente a incidência do replay nas transmissões esportivas, mas compreender os sentidos comunicacionais produzidos por sua mobilização nas narrativas esportivas digitais contemporâneas.

Conforme Flick (2009), a pesquisa qualitativa mostra-se particularmente adequada para análise de fenômenos comunicacionais complexos, atravessados por múltiplas dimensões simbólicas, discursivas e contextuais. Metodologicamente, a investigação articula análise audiovisual e análise narrativa, considerando simultaneamente a materialidade técnica da imagem, a organização temporal da transmissão, a mediação discursiva e as estratégias interpretativas associadas ao replay.

A análise audiovisual justifica-se pela centralidade da dimensão técnica no objeto investigado. Como argumentam Aumont e Marie (2004), produtos audiovisuais exigem leitura que considere enquadramento, montagem, ritmo, alternância de planos e articulação entre som e imagem. No caso das transmissões esportivas, tais elementos assumem papel particularmente relevante, dado que a experiência do espectador depende integralmente dessas mediações.

Complementarmente, a análise narrativa permite examinar como a repetição imagética participa da construção do acontecimento esportivo enquanto experiência interpretativa e

discursivamente organizada. O replay é compreendido, nesta investigação, não como recurso técnico isolado, mas como dispositivo inserido em ecologia narrativa mais ampla, articulada à performance vocal, ao comentário especializado, à lógica visual da transmissão e à reorganização temporal do acontecimento competitivo.

O corpus empírico foi constituído de forma intencional, contemplando transmissões esportivas da CazéTV durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024. A delimitação temporal exclusiva ao megaevento olímpico justifica-se por critérios de coerência metodológica, uma vez que permite observar transmissões inseridas em mesma janela histórica, mesma identidade editorial, mesma lógica operacional e semelhante estrutura de cobertura multiesportiva.

Além disso, os Jogos Olímpicos oferecem diversidade modal particularmente adequada à investigação, possibilitando observação comparativa das múltiplas funções assumidas pelo replay em diferentes ecologias narrativas esportivas. Foram selecionadas quatro modalidades esportivas: futebol, judô, skate e vôlei, pois elas indicam tanto na recorrência do uso do replay quanto na diversidade funcional observável do recurso em diferentes contextos competitivos.

No futebol, a repetição imagética tende a operar predominantemente como dramatização narrativa; no judô, como recurso pedagógico-explicativo; no skate, como valorização estética da performance; e no vôlei, como mecanismo híbrido de validação documental e amplificação emocional. O corpus foi composto por oito transmissões, distribuídas em duas unidades analíticas por modalidade.

**Tabela 1 – Corpus empírico analisado**

<b>Modalidade</b>	<b>Transmissão</b>	<b>Data</b>
Futebol	Brasil x Espanha – semifinal do futebol feminino	06 ago. 2024
Futebol	Brasil x Estados Unidos – final do futebol feminino	10 ago. 2024
Judô	Repescagens e finais olímpicas	27 jul. 2024
Judô	Evento completo com medalha brasileira	02 ago. 2024
Skate	Final street masculino	29 jul. 2024

<b>Modalidade</b>	<b>Transmissão</b>	<b>Data</b>
Skate	Final street feminino	28 jul. 2024
Vôlei	Brasil x Polônia – semifinal masculina	07 ago. 2024
Vôlei	Brasil x Estados Unidos – semifinal feminina	08 ago. 2024

**Fonte: elaborado pelo autor (2026).**

A seleção empírica buscou equilibrar profundidade analítica e viabilidade operacional, permitindo comparação entre modalidades distintas sem comprometer a consistência qualitativa da investigação. Como categorias analíticas preliminares, foram mobilizadas:

- a) replay como dramatização narrativa;
- b) replay como recurso pedagógico-explicativo;
- c) replay como valorização estética da performance;
- d) replay como validação documental;
- e) replay como amplificação emocional.

Essas categorias não foram tratadas como estruturas rígidas, mas como operadores interpretativos abertos à reconfiguração durante a leitura empírica do corpus. A interpretação dos dados foi conduzida à luz do referencial teórico anteriormente mobilizado, articulando estudos sobre mídia esportiva, linguagem audiovisual, mediação discursiva, regimes de visualidade e reorganização perceptiva da experiência esportiva contemporânea.

## **9. Análise empírica: o replay como dispositivo técnico-narrativo nas transmissões da cazétv**

A observação do corpus empírico selecionado permite afirmar que o replay, nas transmissões esportivas digitais da CazéTV durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, opera muito além de sua função historicamente atribuída de reapresentação imagética. Longe de constituir mecanismo meramente técnico de repetição visual, a repetição imagética revela-se dispositivo narrativo multifuncional, mobilizado conforme as especificidades temporais, técnicas e simbólicas de cada modalidade esportiva observada.

A análise comparativa evidencia que a repetição não apresenta função homogênea. Ao contrário, sua atuação varia significativamente entre dramatização narrativa, explicação pedagógica, validação documental, valorização estética da performance e amplificação emocional da experiência esportiva. Essa diversidade funcional confirma a hipótese central desta investigação: nas transmissões esportivas digitais contemporâneas, especialmente em ecossistemas híbridos como o da CazéTV, o replay constitui dispositivo técnico de reorganização interpretativa do acontecimento esportivo.

### **9.1 Replay como dramatização narrativa: o futebol**

Entre as modalidades analisadas, o futebol apresentou o uso mais intensamente dramático do replay. Nas partidas observadas — especialmente Brasil x Espanha e Brasil x Estados Unidos — verificou-se que o replay raramente se restringia à repetição simples do instante final da jogada. Após acontecimentos decisivos, como gols, oportunidades desperdiçadas ou disputas controversas, a transmissão reorganizava retrospectivamente toda a cadeia causal do lance: origem da posse, construção ofensiva, movimentação das atletas, passe determinante, conclusão e repercussão emocional imediata.

Esse procedimento confirma a leitura proposta por Machado (2009), segundo a qual a imagem audiovisual não constitui reflexo neutro da realidade, mas construção narrativa organizada segundo lógica interpretativa. Na CazéTV, essa reorganização mostrou-se particularmente intensa em razão da forte performatividade emocional da transmissão. Diferentemente de modelos mais institucionalizados de broadcasting esportivo, observou-se articulação entre repetição imagética, explosão vocal, comentários espontâneos e forte compartilhamento afetivo com a audiência.

Nos lances controversos, a repetição assumia camada adicional de complexidade, funcionando também como suporte interpretativo de disputas narrativas sobre arbitragem e leitura tática. O replay, portanto, mostrou-se simultaneamente dramático, retrospectivo e argumentativo.

## **9.2 Replay como recurso pedagógico-explicativo: o judô**

Se no futebol a repetição imagética opera prioritariamente como dramatização narrativa, no judô sua função dominante revela caráter pedagógico-explicativo. Essa diferença decorre da própria natureza da modalidade. O judô apresenta dinâmica competitiva marcada por velocidade extrema, elevada complexidade técnica e movimentos corporais frequentemente difíceis de apreender integralmente em tempo real, especialmente para espectadores não especializados.

Nas transmissões observadas, a repetição imagética revelou-se central para reorganização da inteligibilidade do acontecimento competitivo. Em lances envolvendo ippons, tentativas de projeção, disputas de pegada ou reavaliações arbitrais, a reapresentação desacelerada frequentemente permitia visualizar elementos técnicos imperceptíveis na observação linear imediata. O replay, nesse contexto, deixava de operar como simples repetição visual para assumir função cognitiva explícita.

Essa dinâmica confirma a leitura de Virilio (1994), especialmente quando se compreende a câmera lenta como tecnologia de reorganização perceptiva. A desaceleração não apenas devolve o acontecimento ao espectador; adapta sua temporalidade à capacidade humana de interpretação. Chion (2011) oferece chave interpretativa complementar ao evidenciar que a inteligibilidade observada não derivava exclusivamente da imagem desacelerada, mas da articulação entre visualidade e explicação verbal especializada.

Na CazéTV, comentaristas frequentemente explicavam biomecânica do golpe, critérios técnicos de pontuação, lógica do desequilíbrio corporal e fundamentos específicos da modalidade enquanto a reapresentação ocorria. Essa articulação entre replay e mediação discursiva confirma que a repetição imagética contemporânea frequentemente integra estratégias ampliadas de pedagogização esportiva.

O espectador não apenas revê o acontecimento; aprende a compreendê-lo. Essa característica revela dimensão particularmente sofisticada da transmissão esportiva digital contemporânea: a integração entre espetáculo e inteligibilidade pedagógica. Entre as modalidades analisadas, o futebol apresentou o uso mais intensamente

### **9.3 Replay como valorização estética da performance: o skate**

O skate apresentou configuração analítica distinta, marcada pela valorização estética da performance corporal. Embora a repetição imagética também contribua para inteligibilidade técnica da modalidade, observou-se que sua função predominante desloca-se para reorganização estética da experiência visual. As finais masculina e feminina do street evidenciaram esse uso com clareza. As manobras, frequentemente executadas em altíssima velocidade, envolviam rotações, precisão corporal, equilíbrio e complexidade biomecânica cuja plena observação demandava desaceleração. Entretanto, diferentemente do judô, em que a repetição tende a esclarecer normativamente a lógica competitiva, no skate a reapresentação frequentemente operava como valorização contemplativa da performance.

Aumont (2012) ajuda a compreender essa dinâmica ao demonstrar que a imagem audiovisual constitui construção perceptiva organizada segundo escolhas narrativas e formais. Na CazéTV, os replays frequentemente privilegiavam closes, ângulos aproximados, desacelerações estratégicas e repetição focalizada no instante técnico mais expressivo da manobra. esse procedimento transformava a performance atlética em objeto de contemplação audiovisual.

Virilio (1994) novamente mostra-se pertinente, pois a reorganização perceptiva aqui não produz apenas compreensão técnica, mas experiência estética do movimento. A linguagem da CazéTV revelou aderência particularmente forte a essa modalidade, dado seu perfil comunicacional mais próximo da cultura digital jovem e da estética dinâmica própria do skate. Os comentários frequentemente combinavam admiração técnica, informalidade discursiva e valorização expressiva da performance. Nesse contexto, o replay operava simultaneamente como explicação, espetáculo e contemplação. Se no futebol a repetição imagética opera prioritariamente como dramatização narrativa,

### **9.4 Replay como validação documental e amplificação emocional: o vôlei**

O vôlei apresentou configuração particularmente híbrida entre as modalidades analisadas. Nesse caso, a repetição imagética mobilizou simultaneamente funções documentais,

interpretativas e emocionais. A própria lógica da modalidade favorece essa dinâmica. Lances envolvendo toques no bloqueio, bolas próximas à linha, challenges e disputas rápidas frequentemente produzem incerteza interpretativa imediata. O replay, nesses casos, opera como mecanismo de validação factual do acontecimento.

Nas partidas observadas, especialmente nas semifinais olímpicas masculina e feminina, verificou-se uso recorrente da repetição imagética para confirmação documental de decisões competitivas. Silverstone (2002) oferece chave importante para essa leitura ao demonstrar que a mediação comunicacional organiza regimes de credibilidade pública. O replay, aqui, funciona como recurso legitimador. Entretanto, sua atuação não se limita à comprovação técnica.

Após a validação documental, a transmissão frequentemente reorganizava a dramaticidade emocional do momento, alternando entre repetição do lance, reação das atletas, resposta coletiva da equipe e intensificação vocal da narração. Machado (2009) ajuda novamente a compreender que mesmo a imagem aparentemente documental permanece dependente de enquadramentos, cortes e escolhas narrativas. Na CazéTV, observou-se que essa articulação entre documento e emoção se mostrou particularmente intensa, reforçada pela gramática afetiva do canal. O replay, portanto, validava e dramatizava simultaneamente.

## **10. Considerações finais**

A presente investigação buscou compreender de que maneira o replay opera como recurso técnico-narrativo nas transmissões esportivas digitais da CazéTV durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024. O percurso teórico e empírico desenvolvido permitiu demonstrar que a repetição imagética contemporânea ultrapassa significativamente a função tradicional de mera reapresentação visual.

A hipótese inicialmente formulada foi confirmada: nas transmissões analisadas, o replay revelou-se dispositivo técnico-narrativo multifuncional, mobilizado para dramatizar acontecimentos, reorganizar temporalidades, pedagogizar modalidades complexas, validar interpretações documentais, valorizar esteticamente performances e amplificar a experiência emocional do espectador.

O estudo evidenciou que o esporte transmitido contemporaneamente não constitui simples acesso audiovisual ao acontecimento competitivo, mas experiência densamente mediada por linguagens narrativas, dispositivos técnicos e regimes organizados de visualidade. Nesse contexto, o replay emerge como operador central dessa mediação.

A análise comparativa entre futebol, judô, skate e vôlei demonstrou que a repetição imagética assume funções distintas conforme a lógica específica da modalidade observada, afastando interpretações homogêneas ou simplificadoras do recurso. A escolha da CazéTV revelou-se particularmente produtiva porque seu modelo híbrido de transmissão intensifica as possibilidades narrativas do replay, articulando broadcasting esportivo, cultura digital, mediação explicativa e performatividade emocional.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui ao deslocar a análise do replay da esfera estritamente técnica para o campo da construção narrativa, perceptiva e interpretativa do espetáculo esportivo contemporâneo. Como limitações, reconhece-se a delimitação específica do corpus olímpico e a concentração em uma única plataforma transmissora.

Pesquisas futuras poderão comparar diferentes emissoras, explorar recepção do público ou aprofundar a relação entre replay, arbitragem tecnológica e regimes contemporâneos de credibilidade visual. Em síntese, rever um acontecimento esportivo, no ecossistema digital contemporâneo, significa mais do que simplesmente vê-lo novamente. Significa vê-lo sob nova temporalidade, nova narrativa e nova mediação interpretativa.

## **11. Referências**

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 16. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Texto & Grafia, 2004.

BILLINGS, Andrew C. **Olympic media: inside the biggest show on television**. New York: Routledge, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOYLE, Raymond. **Sports journalism: context and issues**. London: Sage, 2006.

BUCCI, Eugênio. **A televisão objeto: a crítica e suas questões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAZÉTV. **JOGO COMPLETO: BRASIL X ESPANHA | FUTEBOL FEMININO | OLIMPIADAS PARIS 2024**. YouTube, 6 ago. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3fLWXYPMFDU>. Acesso em: 25 maio 2026.

CAZÉTV. **JOGO COMPLETO: FINAL DO FUTEBOL FEMININO | BRASIL X ESTADOS UNIDOS | OLIMPIADAS PARIS 2024**. YouTube, 10 ago. 2024. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=n\\_Fi587T7x0](https://www.youtube.com/watch?v=n_Fi587T7x0). Acesso em: 25 maio 2026.

CAZÉTV. **JUDÔ – FEMININO E MASCULINO | REPESCAGEM E FINAIS | OLIMPIADAS PARIS 2024**. YouTube, 27 jul. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TfYVoAir1gM>. Acesso em: 25 maio 2026.

CAZÉTV. **EVENTO COMPLETO: JUDÔ – O PRIMEIRO OURO VEIO! | OLIMPIADAS PARIS 2024**. YouTube, 2 ago. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7XAY8-bk2nI>. Acesso em: 25 maio 2026.

CAZÉTV. **FINAL DO SKATE STREET FEMININO | OLIMPIADAS PARIS 2024**. YouTube, 28 jul. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AktaaKL5T9A>. Acesso em: 25 maio 2026.

CAZÉTV. **FINAL DO SKATE STREET MASCULINO | OLIMPIADAS PARIS 2024**. YouTube, 29 jul. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yB7StIjDAmS>. Acesso em: 25 maio 2026.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHION, Michel. **A audiovisualização: som e imagem no cinema**. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.

ELLIS, John. **Visible fictions: cinema, television, video**. London: Routledge, 1992.

FISKE, John. **Television culture**. London: Routledge, 1987.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GASTALDO, Édison. **Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo**. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2006.

HELAL, Ronaldo. Esporte, mídia e identidade: narrativas, representações e pertencimento. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 37–54, 2011.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 5. ed. São Paulo: Senac, 2009.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

ROWE, David. **Sport, culture and the media: the unruly trinity**. 2. ed. Maidenhead: Open University Press, 2004.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIRILIO, Paul. **A máquina de visão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

WENNER, Lawrence A. **Media, sports, and society**. Newbury Park: Sage, 1989.

RIBEIRO, Yan Dener do Nascimento. **Jornalismo, memória e mídias digitais: construção de memória criada pela Cazé TV nas transmissões das Olimpíadas Paris 2024.** Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2025.